

# OS MEIOS AUDIO VISUAIS NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Carlos Eduardo Reis <sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a importância dos meios áudio visuais na relação ensino aprendizagem, apontando seus limites e possibilidades no ensino. Aponta para a importância de se entender esses meios como elementos constituintes da realidade social, que garante certas modalidades de relações sociais e constituição de certa memória social. Destaca o trabalho com a televisão e vídeo e os elementos constituintes de sua linguagem e finaliza apontando a necessidade do preparo dos profissionais da educação para o trabalho com esses meios.

## PALAVRAS CHAVES

Imagens, ensino, história, educação.

## ABSTRACT

The article aims to discuss the audiovisual media importance regarding teaching and learning by pointing out limits and possibilities in education. It highlights the importance of understanding these means as constituent elements of social reality, which guarantees some modalities of social relations and the constitution of a certain social memory. It emphasizes the work with television and video and constituent elements of its language, and also, it ends up pointing out the need for professionals' education preparation to work with such means.

## KEYWORDS

Images, teaching, history, education.

## INTRODUÇÃO

A máxima de que uma imagem vale mais do que uma palavra, há muito perdeu seu status de verdade absoluta, pois não só os meios de produção dessas imagens se sofisticaram de tal maneira com a tecnologia, como também a sua difusão e vulgarização pelas chamadas tecnologias da informação, causaram uma transformação sem precedentes no uso, na difusão e produção de imagens em nossa sociedade.

Poder-se-ia discorrer horas a esse respeito, mas o fato é que o uso, produção e difusão de imagens e sua utilidade no ensino ou mais propriamente dito, na Educação de uma maneira geral, continua sendo um grande desafio para educadores, pois ainda há muito o que se discutir sobre sua eficácia no campo da educação, como também no ensino.

Neste sentido, o objetivo desse artigo, é discutir a importância do

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela PUC/SP, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Departamento de Metodologia de Ensino no Centro de Ciências da Educação, ministrando disciplina História da Educação, Metodologia do Ensino de História, Ensino de História e a questão das temporalidade no Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistória.

uso dos meios áudio visuais na relação ensino e aprendizagem; apontar os limites e as possibilidades do trabalho com esses meios e fornecer alguns instrumentos teórico-metodológicos para se pensar esta relação. No intuito de realizar nosso objetivo, vamos nos ater especialmente no uso da televisão e vídeo, pensados como instrumentos possíveis na relação ensino e aprendizagem.

## OS MEIOS AUDIOVISUAIS NA RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM

Educadores e pedagogos, somente para ficar restrito no campo educacional, são unânimes em afirmar a importância das diversas formas de linguagens, especialmente aquelas conhecidas como meios áudio visuais no processo ensino e aprendizagem, sempre recorrendo em seus trabalhos a gravuras, fotos filmes mapas e ilustrações das mais diversas. É cada vez mais usual, pois vivemos em um universo saturado pelas imagens e estímulos áudio visuais.

O fotógrafo e historiador Boris Kossoy, pondera que no caso da fotografia, calcula-se que mais de 1 trilhão de imagens circulem hoje pela rede mundial de computadores, prova de que a fotografia é uma das mais usadas ferramentas da representação da genialidade humana.

Ainda no campo específico da educação, basta lembrarmos a importância que os documentos curriculares oficiais, dão ao tema, juntamente com a produção de livros didáticos, cada vez mais preocupados em sugerir trabalhos com as mais diversas formas de manifestações das linguagens no estímulo do estudante.

No entanto, longe de representar um alento aos professores e alunos, a multiplicação desses meios na mediação da relação ensino e aprendizagem, propõe novos pontos de reflexão. Que papel esses meios desempenham efetivamente na relação ensino e aprendizagem? Quais as mudanças significativas que o uso de tais meios traz para a aprendizagem? Como superar o uso de tais recursos como “ilustrativos” aos livros textos? É possível produzir conhecimento a partir de tais recursos? E a formação de professores neste contexto?

Em sua obra “Televisão e Educação”, Joan Ferrés, inicia com a seguinte epigrafe:

*“Uma escola que não ensina como assistir televisão é uma escola que não educa”. (FERRÉS, 1996, p.7).*

Ferrés pondera que a televisão se tornou o fenômeno cultural mais

impressionante da história da humanidade, é a prática para qual os cidadãos estão menos preparados. (FERRÉS, 1996, p.9).

A televisão, pondera ainda, tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Neste sentido, continua, é surpreendente que a instituição escolar, não tenha somente deixado que esta hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que assista impassível ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e análise crítica para as novas gerações. (FERRÉS, 1996, p.10).

Diante desse contexto, Ferrés indaga, que se uma escola que não ensina a assistir a televisão, para que mundo está educando? A escola de acordo com ele, tem a obrigação de ajudar as novas gerações de alunos a interpretar os símbolos de sua cultura.

Se a educação exige a preparação dos cidadãos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam a maioria do tempo? (FERRÉS, 1996, p.09).

Como todas as instituições tradicionais, conclui Ferrés, a escola preocupa-se quase exclusivamente em reproduzir o conhecimento, em perpetuar a cultura, ficando por isso defasada quando precisa se adaptar a uma sociedade em mudanças, quando precisa educar para uma cultura renovada. (FERRÉS, 1996, p.9). Guardadas as devidas proporções, as ponderações de Ferrés, podem ser estendidas a grande maioria dos meios audiovisuais.

As reflexões apontadas por Ferrés, nos levam a um outro conjunto de questões, tão importantes quanto as que acabamos de apontar acima. Se o uso de audiovisuais apresenta potencial quase que inesgotável de múltiplas possibilidades, não deixa também de esbarrar em uma série de outros fatores, que se constituem em seus limites.

A primeira delas, diz respeito as próprias prescrições curriculares, que embora apregoem a importâncias desses meios áudio visuais no processo educativo, pouco contribuem para sua realização de fato, pois não oferecem aos professores nem a formação necessária para o seu uso, e também não proporcionam o tempo adequado para que isto aconteça.

Por sua vez ainda, o uso de meios audiovisuais, ainda se constituem

em iniciativas isoladas de professores, que buscam saídas para sua práxis pedagógica, onde enfrentam boa sorte de infortúnios presentes no cotidiano escolar, como a falta de infraestrutura adequada, nada estimulante para a relação ensino e aprendizagem.

O acelerado processo de desmonte da educação pública do país, se constituem em uma prova cabal de como a instituição escolar sobrevive, principalmente ao longo da última década. Em todo país, a estrutura do ensino esta desmontada e depauperada, crianças e jovens estudando em condições degradantes e os professores estão cada vez mais acuados com a pauperização e destruição de suas carreiras.

Neste processo, a televisão tem uma importância crucial, reportagens, dossiês, toda sorte de cobertura sobre a educação pública e seu desmonte e nem uma análise crítica consistente sobre o fenômeno. O quadro se completa quando se verifica a não vinculação direta ou indireta com as teorias de ensino e aprendizagem, tornando assim o uso dos meios audiovisuais meros recursos ilustrativos, não havendo trabalho de reflexão sobre a natureza desses meios, suas especificidades, seus limites e os elementos históricos que os constituem.

## **OS MEIOS AUDIOVISUAIS E SUA MATERIALIDADE CONSTITUTIVA**

Iniciamos nossa exposição afirmando que há muito a máxima de que uma imagem vale mais do que uma palavra, havia perdido seu status de verdade absoluta a tempos.

A revolução sem precedentes, verificada no tratamento e produção de imagens, no cinema, fotografia, televisão, vídeo, mudou completamente ou em parte nossa relação com esses meios, mas também trouxe novos desafios do ponto de vista educacional, na necessidade de se promover uma “educação dos sentidos”, para que possamos compreender tais meios para além de sua função meramente ilustrativa, uma vez que algumas manifestações da cultura no seu sentido mais amplo, são atributos exclusivo de um pequeno grupo ou parcela da sociedade, ou seja, precisamos compreendê-los como elementos constituintes da realidade social.

Neste sentido, é preciso observarmos algumas questões fundamentais, que são cruciais no trabalho com meios audiovisuais.

Em primeiro lugar, é preciso observar a dimensão própria de cada linguagem, pois “esses recursos se formulam dentro de um campo conceitual

que não é apenas filosófico, mas que é também histórico; ou seja, está sendo forjado continuamente: são doutrinas, conceitos que se elaboram pela experiência de viver de cada época e de seus grupos sociais”. (ARAUJO VIEIRA, 1991, p. 22).

Nas duas últimas décadas, assistimos a uma profusão enorme de proposições apregoando o uso de imagens no processo pedagógico, e não raro, presenciamos listas de filmes indicados para este ou aquele tema. O Ministério da Educação, promove através de sua TV/Escola, uma vasta produção de vídeos e documentários educativos, que estão a disposição das escolas e professores em todo país.

Não sabemos ao certo, a eficácia pedagógica de tais recursos no processo educativo e até que ponto o uso de tais recursos deixaram de ser meros recursos ilustrativos no ensino.

Isto nos remete a segunda questão fundamental a ser considerada e apontada pelas autoras de “A pesquisa em História”, quando se reportam a imagem:

“A imagem por si só não recupera a realidade. O que ela faz é trazer para sua mente associações de imagens. Em realidade o enquadramento da foto e do filme, corresponde ao recorte oferecido pelo documento. Daí ser importante analisar, examinar os planos das fotos ou dos filmes e entender o porquê de um tal enquadramento e não outro. Da mesma forma, ter em mente que há sempre um campo conceitual mediando a relação espectador – fotógrafo, por exemplo” (ARAUJO VIEIRA, 1991, p.23).

E por fim, a compreensão dessas linguagens como elementos constituintes da realidade social, passa por aquilo que Marcos Silva salientou em seu artigo “O trabalho da linguagem”, na necessidade de pensa-las dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória”. (SILVA, 1986, p.51).

## **O TRABALHO COM MEIOS AUDIOVISUAIS**

Embora se reconheça a importância dos meios audiovisuais em nosso cotidiano, sua disseminação em massa no corpo social e seu uso generalizado e apropriado por milhões de pessoas em todo mundo, pouco falamos da preparação dos professores para trabalhar com esses meios na educação estética dos alunos.

Ao contrário do que se apregoa, o trabalho com tais meios, dificilmente faz parte da formação dos professores que atuarão nos cursos de graduação e nem das futuras educadoras de crianças nos cursos de pedagogia. Salientamos no tópico anterior, que uma das condições necessárias ao trabalho com tais meios, é exatamente a consideração da especificidade de cada linguagem, pois são constitutivas da realidade social, carregam intencionalidades e constituem memória social.

Ferrés considera que, uma utilização adequada desses meios, exigiria uma formação específica dos professores. Ressalta que na década de 1980, as conclusões do Seminário Internacional sobre meios audiovisuais no sistema educativo, organizado pelo Ministério de Educação e Ciência da Espanha, reconhecia a inexistência de uma formação específica sistemática e generalizada do professorado para o uso dos meios audiovisuais em todos os níveis educativos. (FERRÉS, 1996, p.35).

A questão central é que os sistemas públicos e muito raramente os privados, estão longe de atingir um patamar mínimo nesta questão, embora se reconheça alguns esforços isolados.

Analisando o uso do vídeo na sala de aula, o professor José Manuel Moran, salienta que este ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional. (MORAN, 1995, p.1).

Ainda de acordo com o autor, o vídeo se liga umbilicalmente à televisão, a um contexto de lazer, entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula, pois na cabeça dos alunos isto significa muitas vezes descanso e não aula, modificando a postura e as expectativas em relação ao seu uso. É preciso aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os temas dos nossos planejamentos. (MORAN, 1995, p.1).

Outro aspecto apontado pelo professor Moran, diz respeito à Linguagem do vídeo e da televisão; ou seja, a maneira com que esses meios transmitem suas mensagens e constroem suas representações do social e atingem o espectador.

De acordo com Moran, esses são os elementos que constituem a linguagem desses meios:

- Vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele – nos toca e tocamos os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo, sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos;

- O vídeo explora também basicamente o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais;

- Desenvolve um ver entrecortado – com múltiplos recortes da realidade, através dos planos e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas; câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou movendo-se, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador;

- Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro; o ver está na maioria das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias;

- A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente. Os diálogos expressam a fala coloquial, enquanto o narrador em off, costura as cenas, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. A narração falada ancora todo o processo de significação;

- A música e os efeitos sonoros servem como evocação, lembrança (situações passadas), de ilustração – associados a personagens do presente, como nas telenovelas e de criação de expectativas, antecipando reações e informações;

- O vídeo também é escrita – textos e legendas, citações, aparecem cada vez mais na tela, principalmente nas traduções (legendas de filmes) e nas entrevistas com estrangeiros. A escrita na tela, hoje é fácil através do gerador de caracteres, que permite colocar na tela textos coloridos, de vários tamanhos e com rapidez, fixando ainda mais a significação atribuída a narrativa;

- As linguagens do vídeo e da televisão, respondem a sensibilidade dos jovens e da grande maioria dos adultos, pois são dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que a razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo. (MORAN, 1995, p. 1/2).

No entanto, mais do que estar atento aos aspectos que definem a sua linguagem, fundamental para a compreensão desses meios, é também de ex-

trema importância que fiquemos atentos aos usos desses meios no processo ensino e aprendizagem, para que sua eficácia pedagógica se realize na sua plenitude.

Ainda com referência a este aspecto, algumas considerações são necessárias, pois ainda avançamos muito pouco em algumas questões.

Desde 1995, o governo brasileiro, vem protagonizando uma intervenção sem precedentes no sistema escolar brasileiro, em todos os seus níveis de ensino, seguido de um pesado ordenamento jurídico e político, e que também foi acompanhado pelos estados e municípios em todo o país. Todavia, esta intervenção não evitou o “sucateamento” do sistema público de educação brasileiro, apesar de se constatar que houve um aumento considerável nos investimentos, sem contudo apresentar os resultados esperados.

Obviamente, neste curto espaço, não iremos desvendar as causas históricas dessa situação, pois muitas delas há muito conhecemos, mas podemos nos arriscar a dizer aquilo que o historiador Jacques Le Goff chamou de “tecer conceitos novos em panos velhos”, caminhamos passo a passo com as mais modernas teorias científicas e pedagógicas do planeta, nossos intelectuais “absorvem” rapidamente as últimas novidades teóricas vindas dos centros hegemônicos do conhecimento e escrevem propostas curriculares cheias de teorias inovadoras, para serem aplicadas em espaços escolares arcaicos, atrasados, verdadeiras cadeias para crianças e adolescentes; insalubres e violentos, com professores ganhando vencimentos medíocres, doentes e com autoridades que jogaram o ensino público na lata do lixo da terceirização de quinta categoria. E assim segue a Pátria Educadora.

Mas antes que nossas colocações se transformem em lamento sem fim, o fato é que nossas unidades escolares principalmente sua arquitetura e os espaços de socialização necessitam passar por uma “revolução” moderna, pois ao contrário do que se imagina, é necessário produzir a interação coletiva com as linguagens e meios audiovisuais e imagéticos de maneira geral. Os estudantes precisam ser sujeitos ativos, interagindo de forma coletiva com essas linguagens.

Uma questão fundamental a ser observada no uso dos meios audiovisuais e nas tecnologias de informação de uma maneira geral, é que não existe apenas uma única forma de se fazer uso dessas ferramentas. No caso dos meios imagéticos, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, utilizam esses meios e propõem diferentes leituras e muitas formas de interação, enriquecendo assim as possibilidades de leitura e produção de conhecimento.

No caso do vídeo e da televisão, o Professor Moran, traça um interessante quadro, nos apontando os limites e as possibilidades desses meios pedagógicos. No caso específico do vídeo, destaca que entre os seus usos inadequados, que ele define como “vídeo- tapa buraco”; “vídeo enrolação”; “vídeo deslumbramento”; vídeo perfeição”; “somente vídeo”, frisando que os seus usos inadequados contribui com frequência para a desvalorização, e na mente dos alunos no “não ter aula”. (MORAN, 1995, p.3).

Da mesma forma que o uso incorreto pode contribuir para desvalorizar o meio, há um conjunto de muitas possibilidades apontadas por Moran, que pode enriquecer sobremaneira o processo ensino e aprendizagem, fazendo da escola um possível lugar diferente. Dentre as possibilidades apontadas se destacam o “vídeo sensibilização”; “Ilustração”; “simulação”; “conteúdo de ensino”; “produção”; “avaliação”; “espelho”; “integração/suporte”; etc. (MORAN, 1995, p.3/4).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Ao longo de nossa exposição, procuramos levantar e refletir a cerca de algumas questões que envolvem o uso dos meios áudio visuais no contexto da educação escolar, principalmente os aspectos ligados a sua prática.

A difusão em massa nesta primeira metade do século XXI, das tecnologias da informação, especialmente aquelas ligadas a produção e difusão de imagens, mudou substancialmente a relação da maioria das pessoas com a imagem, e uma quantidade incalculável e assustadora de vídeos e imagens circulam nas chamadas redes sociais e nos novos canais de televisão, como por exemplo no youtube TV.

Por sua vez ainda outro lado desta questão desponta de maneira forte e assustadora e que merecem a nossa atenção.

Os vídeos se tornaram uma ferramenta poderosa nas mãos dos movimentos sociais e jovens que em suas comunidades se tornam protagonistas das lutas sociais e buscam dar vazão e visibilidade as suas reivindicações, e as consequências disto são inúmeras, e uma delas é mão pesada da censura e dos poderosos conglomerados de comunicação que possuem o monopólio desses meios.

Por sua vez ainda isto nos colocou frente a frente com a face cruel de nossa barbárie civilizatória, pois cresceu assustadoramente a difusão de imagens ligadas a manifestações de racismo; xenofobia, que hoje são objetos de

preocupação dos organismos internacionais e entidades dos direitos humanos em nível global.

No entanto isso não é um fator de alento, pois coloca aos educadores e historiadores desafios cada vez mais complexos com relação ao uso desses meios no contexto educacional e seu uso como documento na produção do conhecimento histórico.

Embora os historiadores, como salientou Gaskell, utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficarem mais a vontade com documentos escritos e conseqüentemente, são muitas vezes mal equipados para lidar com material visual, muitos utilizando as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes a pessoas profissionalmente ligadas a problemática visual. (GASKELL, 1992, p.237).

Embora tal situação venha mudando paulatinamente, é raro que a opinião dos historiadores sejam levadas em conta, quando as imagens são debatidas em um contexto mais amplo, e isto não continuaria a existir se os historiadores fossem informados de algumas das preocupações que dominam os pensamentos e a prática daqueles que lidam com material visual. (GASKELL, 1992, p.237/238).

Esta mesma preocupação foi expressa por Marcos Silva, em seu trabalho *A construção do saber histórico: historiadores e imagens*, 1992, onde considera o visual como dimensão de historicidade, sem reduzir as perspectivas analíticas de outros campos de conhecimento com que ela trabalha. (SILVA, 1992, p.118).

Em sua argumentação, Silva pondera que tais áreas de conhecimento são absolutamente legítimas em suas especificidades, mas não resolvem as necessidades dos historiadores em relação às imagens pois nem sempre se interessam por problemáticas de conhecimento histórico e requerem posturas ativas dos historiadores que as estudam para que ocorra um efetivo dialogo interdisciplinar e não um monologo daquelas especificidades. (SILVA, 1992, p.118).

Silva propõe o que chama de *Multidisciplinaridade* para caracterizar um debate do conhecimento histórico com outros campos de saber, no qual a História entraria evidenciando possuir preocupações com imagens, ao invés de transferir para aquelas a tarefa de defini-las. (SILVA, 1992, 118).

Por fim gostaríamos de chamar a atenção para outra questão fundamental, levantada por GASKELL E SILVA, que diz respeito a formação dos

profissionais de História e suas práticas no exercício da profissão, quer no ensino escolar, quer na pesquisa acadêmica.

No que se refere à formação dos profissionais, Silva observa que tem havido falhas que se manifestam especialmente quando formandos ou recém-formados são convidados a elaborarem projetos de pesquisa, o que se liga à raridade de atividades sistemáticas de pesquisa em Graduação, além da escassez de contatos com fontes visuais e bibliográfica específica sobre as mesmas. (SILVA, 1992, 118.).

Já quanto ao exercício da profissão, Silva observa limitações e timidez no apelo a materiais plásticos em Ensino e Pesquisa, reiterando-se, com frequência, seu uso na condição de ilustração de temas, numa perspectiva ingenuamente realista, como se as imagens “retratassem” alguma História, o que não se restringiria à visibilidade. Tais deficiências se manifestam em tentativas de trabalho com pintura, fotografia e cinema dentre outros materiais. (SILVA, 1992, p.118/119).

Como vemos acima, ainda há muito que fazer!!!!!!!!!!!!!!.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO VIEIRA, Maria do Pilar (ET AL). *A pesquisa em História*. 2ª Ed. São Paulo, Àtica, 1991.

FERRÉS, Joan. *Televisão e Educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. IN: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, Editora UNESP, 1992.

MORAN, José Manuel. O vídeo em sala de aula. IN: *Revista Comunicação e Educação*, jan./abril 1995, ECA: Editora Moderna, 1995.

SILVA, Marcos. O trabalho da linguagem. IN: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.6, n.11, set.1985/ fev.1986.

SILVA, Marcos. A construção do saber histórico: historiadores e imagens. IN: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 125/126, ago/dez 1991 a jan/jul 1992.

KOSSOY, Boris. *Museu da Fotografia Digital*. Disponível em [http://mfd.br/pt/o\\_museu](http://mfd.br/pt/o_museu).

Data de recebimento: 21/12/2017

Data de aceite: 27/01/2018